

Revista Diálogo Educacional

ISSN: 1518-3483

dialogo.educacional@pucpr.br

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Brasil

Behrens, Marilda Aparecida; Amorim Biscaia Machado, Iliana Juracy de
OS SABERES DOCENTES NA EDUCAÇÃO EMOCIONAL

Revista Diálogo Educacional, vol. 5, núm. 16, septiembre-diciembre, 2005, pp. 1-12

Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Paraná, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189116175016>

OS SABERES DOCENTES NA EDUCAÇÃO EMOCIONAL

*Educational knowledge in the
emotional education*

*Marilda Aparecida Behrens¹
Ilíana Juracy de Amorim Biscaia Machado²*

Resumo

Este artigo tem a intenção de provocar uma reflexão sobre a necessidade de propor uma Educação Emocional. Apoiado no relato de experiências realizadas em algumas escolas, apresenta a importância de construir saberes para implantar processos que levem a desenvolver a Educação Emocional. Essa implantação gradativa envolve a educação em todos os níveis de ensino principalmente na educação infantil e no ensino fundamental. O artigo aborda temas e aspectos do desenvolvimento de saberes desta modalidade de educação, com o objetivo de motivar e esclarecer os leitores sobre o sentido de uma educação mais ampla. A Educação Emocional procura atender o ser humano, de uma forma mais complexa, em seus múltiplos aspectos: intelectual, biológico, emocional e espiritual.

Palavras-chave: Educação; Teoria e prática da educação; Educação emocional; Emoções; Sentimentos.

¹ Doutora em Educação. Professora de Mestrado em Educação da PUCPR.
E-mail: marilda.aparecida@pucpr.br

² Mestranda em Educação pela PUCPR; Rua Francisco de Paulo Guimarães, 465, 404/ 80540-040 – Curitiba/ PR.
E-mail: ilimac@terra.com.br

Abstract

This article is intended to provoke a reflection about the necessity of proposing an Emotional Education. Supported by the report of experiences accomplished in some schools, it presents the importance of building knowledge to implement processes that lead to the development of Emotional Education. The gradual implementation involves education on all teaching levels, mainly on the primary and secondary levels. The article approaches themes and aspects of knowledge development in this education modality, with the purpose of motivating and clarifying the readers on the sense of a wider education. The Emotional Education tries to assist the human being, in a more complex way, in its multiple aspects: intellectual, biological, emotional and spiritual.

Keywords: Education; Theory and practice of the education; Emotional education; Emotions; And feelings.

A Educação Emocional na escola

Introdução

Com o advento do paradigma da complexidade, muito se tem comentado sobre a necessidade da educação desenvolver saberes sobre os diferentes aspectos que compõem o ser humano, especialmente, no sentido de formá-lo para uma vida plena. Morin (2003, p.15) coloca que: "o ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico".

Ao se refletir sobre o que foi colocado por Morin (2003), surge a indagação: Será que o atual modelo de educação está desenvolvendo saberes sobre estes aspectos nos alunos? A atuação como docente permite afirmar que ainda há muito para ser feito. Antigamente a inteligência era considerada como sendo única e a verdade apresentada era absoluta e indiscutível. A educação era proposta com a finalidade de repassar e reproduzir o conhecimento construído pela humanidade. Atualmente, essa visão reducionista de Educação tende a ser superada.

As novas descobertas da ciência e as pesquisas levadas à frente por estudiosos vanguardistas apontam para o surgimento do paradigma da complexidade (MORIN, 2000; CAPRA, 1992, 2002; BOAVENTURA, 2002). Esse paradigma propõe a existência de saberes que envolvem muitas verdades, múltiplas inteligências e várias metodologias para a aprendizagem. Assim, a pessoa humana é concebida como um ser complexo e conta com vários aspectos a serem desenvolvidos. A escola, de maneira geral, não tem contemplado a integralidade do ser, ou seja, não tem alcançado os quatro níveis de aprendi-

zagem: aprender a conhecer, aprender a ser, aprender a conviver e aprender a fazer (DELORS, 2001). Nesse sentido, além da visão disciplinar, mecânica e reducionista que tem caracterizado os procedimentos de ensino e de aprendizagem, encontra-se a necessidade de aliar processos educativos que considerem uma aliança entre a razão e a emoção. Para tanto, a escola precisa incluir na sua proposta pedagógica atividades que envolvam situações que levem à Educação Emocional.

A escola e a educação emocional

Nos séculos XIX e grande parte do século XX, a educação fundamentava-se nos paradigmas tradicionais, ou seja, a abordagem conservadora, a abordagem escolanovista e a abordagem tecnicista. Essas abordagens tinham como foco a fragmentação e a reprodução do conhecimento. Constatando este fato, Behrens (2000, p. 17) menciona que: “O século XX manteve a tendência do século XIX, fortemente influenciado pelo método cartesiano, que separa mente e matéria e propõe a divisão do conhecimento em campos especializados”.

A escola utilizando-se destas abordagens não contemplava em sua proposta saberes que envolvessem a formação do ser humano em sua totalidade e complexidade. O desenvolvimento do lado afetivo e emocional ficava sob a responsabilidade da família. Nesse contexto, cabe a contribuição de Morin (2003, p.26):

O paradigma cartesiano separa o sujeito e o objeto, cada qual na esfera própria: a filosofia e a pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva de outro. Essa dissociação atravessa o universo de um extremo ao outro: Sujeito/Objeto, Alma/Corpo, Espírito/Matéria, Qualidade/Quantidade, Finalidade/Causalidade, Sentimento/Razão, Liberdade/Determinismo, Existência/Essência.

Desse modo, a escola contribuiu para que existam hoje muitas pessoas com atitudes que denotam um analfabetismo emocional e esse fato causou danos muito sérios em nossa sociedade. Em toda parte as notícias de violência são assustadoras, com manchetes relatando que crianças matam crianças! A atitude agressiva dos alunos envolve todos os níveis de ensino e tem se apresentado com ênfase nas últimas duas décadas dentro da escola. Assim, caberia indagar: O que está levando as crianças e os jovens a agirem de maneira violenta?

É claro que existem muitos fatores sociais e econômicos que respondem por estes altos níveis de violência, mas também a educação tem contribu-

ído para que essa violência esteja presente na sociedade, tanto nas escolas como nos lares. Elucidando mais sobre este fato, cabe aqui o comentário de Goleman (1995, p. 247):

Os educadores, há muito perturbados com as notas baixas dos alunos em matemática e leitura, começam a compreender que existe uma deficiência diferente e mais alarmante: o analfabetismo emocional. E embora se estejam fazendo esforços louváveis para elevar os padrões acadêmicos, essa nova e perturbadora deficiência não está sendo abordada no currículo escolar padrão.

Naturalmente, esse sistema educativo que estava alicerçado nas antigas verdades sobre educação também precisa ser reconsiderado. Nesse sentido, cabe a contribuição de Filliozat (1998, p. 17):

Todo o sistema educativo tem que ser revisto. Orientado pelo QI, ele não prepara nossas crianças para a vida do amanhã. É preciso criar espaço para as emoções, levar em conta o desenvolvimento social e afetivo. A inteligência do coração tem necessidade de se alimentar de conhecimentos, de saber fazer e saber ser, da mesma maneira que as outras inteligências.

Desse comentário, enfatiza-se a necessidade de educar as pessoas também no seu aspecto emocional. É preciso que a educação emocional seja praticada com naturalidade nas escolas, para que mais esse aspecto da complexidade humana possa ser contemplado e desenvolvido.

O que vem a ser Educação Emocional

Tanto se comenta e se ouve falar sobre essa temática. Afinal, o que vem a ser Educação Emocional? Para se chegar a essa resposta, antes de tudo é preciso saber o que vem a ser uma emoção. Goleman (1995, p. 305), em seu livro *Inteligência Emocional* esclarece o termo: “Eu entendo que emoção se refere a um sentimento e seus pensamentos distintos, estados psicológicos e biológicos, e a uma gama de tendências para agir”. Le Doux (2001, p. 17) coloca que uma emoção: “é um sentimento consciente”. No entanto, essas contribuições não abordam em plenitude a dimensão do significado de “emoção”. Assim, recorre-se a outras fontes para esclarecer mais o assunto.

Em seu livro *Inteligência do Coração*, Filliozat (1998, p. 8) coloca outras definições que podem ser de valia quando apresenta que: “no dicionário Petit Robert, acha-se a seguinte definição sobre emoções: estado afetivo intenso, caracterizado por uma busca perturbação física e mental em que são

abolidas, em presença de certas excitações ou representações muito vivas, as reações apropriadas de adaptação ao acontecimento". Mencionando outra fonte, Filliozat comenta que o dicionário Petit Larousse define emoção como sendo: "perturbação, agitação passageira provocada pela alegria, a surpresa ou o medo, etc".

A descrição sobre emoções proposta por Goleman (1995, p. 20) auxilia no entendimento da temática:

Todas as emoções são, em essência, impulsos para lidar com a vida que a evolução nos infundiu. A própria raiz da palavra *emoção* é *movere*, 'mover' em latim, mais o prefixo 'e'-, para denotar 'afastar-se', indicando que uma tendência a agir está implícita em toda emoção. Que as emoções levam a ações, é mais óbvio observando-se animais ou crianças; só nos adultos 'civilizados' encontramos tantas vezes a grande anomalia no reino animal: emoções – impulsos arraigados para agir – divorciadas de uma reação óbvia.

A Educação Emocional está diretamente relacionada com as emoções, segundo Steiner (2001, p. 23) "A Educação Emocional compõe-se de três aptidões: a capacidade de entender as emoções, ouvir as outras pessoas, empatizar com suas emoções e expressar as emoções produtivamente". Expondo mais sobre esse tema, Steiner complementa: "Ser emocionalmente educado é ser capaz de lidar com as emoções de modo a desenvolver seu poder pessoal e a qualidade da vida que o cerca".

Com referência à "Inteligência Emocional", Steiner esclarece que: "A expressão 'Inteligência Emocional' foi cunhada pelos psicólogos Peter Salovey e John Mayer. Em seu livro *Inteligência Emocional*, Goleman (2001, p. 33) analisou em profundidade essa poderosa aptidão e sintetizou farta pesquisa realizada em torno do tema". Nos estudos realizados por Steiner (2001, p. 33), encontra-se a seguinte afirmação: "Criei o termo 'educação emocional' há 18 anos...".

O entendimento sobre os termos "emoções" e "educação emocional" auxilia a reflexão a respeito da necessidade de desenvolvimento de projetos em educação emocional.

O desenvolvimento dos saberes docentes para propor a educação emocional na escola fundamental e a busca do desenvolvimento da inteligência emocional nas crianças.

A educação emocional envolve saberes que precisam ser desenvolvidos para que os docentes possam propor metodologias que contemplam as aptidões e competências das pessoas. Antunes (2001, p. 27), em seu livro *Alfabetização Emocional*, menciona cinco saberes essenciais para que possa ocorrer a alfabetização emocional, ou seja, a educação emocional:

Autoconhecimento: capacidade de identificar seus próprios sentimentos, usando-os para tomar decisões e resolver problemas que resultem na satisfação pessoal.

Administração das emoções: habilidades de controlar impulsos, de aliviar-se da ansiedade e direcionar a raiva à condição correta. (...).

Empatia: habilidade de se colocar no lugar do outro, entendendo-o e percebendo seus sentimentos e intenções não verbalizadas.

Automotivação: a capacidade de preservar e conservar o otimismo sereno, mesmo em condições relativamente adversas.

Capacidade de relacionamento pleno: habilidade de lidar com as reações emocionais de outras pessoas e interagir com elas.

A reflexão sobre os saberes necessários ao desenvolvimento da educação emocional retratam o desafio imposto à formação de professores nesse início de século. Muitos docentes não se sentem seguros para lidar com aspectos emocionais e a sua aplicação em sala de aula. Na realidade, a formação de professores não tem contemplado a dimensão emocional com profundidade. Assim, pode dizer que os docentes não foram emocionalmente alfabetizados. O comentário de Stemme (1999, p. 114) pode ajudar a refletir sobre a superação desses desafios:

Nas últimas semanas, perguntei várias vezes às pessoas que encontrei se queriam me fazer um pequeno favor. Deveriam me dizer as emoções mais importantes. Eu queria saber quais eram as experiências básicas e o conhecimento fundamental das pessoas quando se trata de emoções. O resultado não foi muito surpreendente. Ninguém perguntou o que se entendia por emoções. Todos sabiam do que eu estava falando. Embora nenhuma das pessoas pudesse recorrer a um conhecimento aprendido, mencionaram sobretudo as emoções mais importantes: medo, confiança, alegria, pânico, assombro, pavor, curiosidade, ira, tristeza, raiva, nojo, surpresa, amor. Todos aqueles a quem perguntei também podiam indicar como a pessoa se comporta quando está tendo uma dessas emoções.

Esse comentário alerta o professor para a necessidade de buscar formação continuada sobre esse tema. Acredita-se que um bom começo para o professor prender-se ao conhecimento de si mesmo e o aprofundamento desse conhecimento pode ajudar o desencadeamento do trabalho com os alunos e alunas. Outro fator desafiador prender-se à inclusão da temática sobre Educação emocional nos currículos existentes. Como motivação para o desenvolvimento do trabalho com Educação Emocional, vale a pena relatar algumas experiências realizadas em escolas do ensino fundamental e médio.

Em São Paulo, numa escola particular, alguns temas sobre educação emocional foram agregados às disciplinas incluídas no currículo. Antunes (2001, p. 42) narra essa experiência:

Tentamos com bastante sucesso, esse projeto aumentando em uma aula semanal a carga horária de uma disciplina ou outra disciplina, em todas as séries, desde o segundo ciclo do Ensino Fundamental. Essa 'aula extra' não poderia estar associada a uma única disciplina, pois preocupou-nos muito mais *quem a iria ministrar* do que sua eventual associação aos conteúdos curriculares. Na escola citada, a pessoa mais indicada para ministrar essas aulas era justamente a que ministrava o curso de *Como estudar* desenvolvido pela orientação educacional na quinta série; já na sexta série, uma professora de Geografia extremamente sensível e com notável Inteligência Interpessoal foi a escolhida, chegando à sétima série, a aula extra semanal de alfabetização emocional ficou com o professor de Ciências, (...).

Nesta experiência, percebe-se o cuidado na escolha do professor responsável para desenvolver os temas. Como foi comentada, a experiência alcançou os objetivos esperados. Assim, acredita-se que os gestores das escolas ao se interessarem pela implantação da educação emocional podem usufruir dessas experiências na construção da sua proposta.

As professoras do ensino fundamental, das turmas de 1.^a a 4.^a série, podem desenvolver em pequenos espaços de tempo alguns assuntos necessários para o desenvolvimento emocional. Para isso, devem aproveitar situações de conflito ou mesmo constrangedoras que ocorrem no cotidiano das escolas. As situações de alegria e satisfação da turma podem servir de motivação para o compartilhar das emoções. Os fatos que ocorrem no cotidiano da escola podem servir de base para o desenvolvimento das temáticas relacionadas com a educação emocional.

A professora pode fazer com que os alunos e alunas reflitam sobre suas emoções, motivando-os a nomearem os seus sentimentos. Acredita-se que o docente pode iniciar com os alunos o exercício de reconhecer seus próprios sentimentos e dos outros. Deve mostrar-lhes com exemplos concretos como se desenvolvem atitudes de empatia. Cabe aqui o comentário de Goleman (1995, p. 279):

É assim que o aprendizado emocional se entraña; à medida que as experiências são repetidas, o cérebro reflete-as como caminhos fortalecidos, hábitos neurais a aplicar em momentos de provação, frustração, dor. E, embora a substância quotidiana das aulas de alfabetização emocional possam parecer banais, o resultado - seres humanos decentes - é mais crítico que nunca para nosso futuro.

Na continuidade, esse autor afirma que seria ideal começar a alfabetização emocional desde os primeiros anos de vida. Goleman (1995, p. 297) coloca essa idéia da seguinte forma: “(...) o projeto ideal de programas de alfabetização emocional é começar cedo, ser apropriado à idade, atravessar os anos de escola e entremear os trabalhos na escola, em casa e na comunidade”.

Relatos de projetos que podem ser implantados para o desenvolvimento da educação emocional

Alguns relatos de experiências realizadas em escolas aqui no Brasil e nos EUA são apresentados com o intuito de motivar e indicar um caminho inicial para o desenvolvimento de um projeto de educação emocional nas escolas.

Goleman (1995, p. 277, 283, 297) contribui para desenvolver a temática quando relata sobre uma experiência ocorrida em uma escola particular nos EUA. Denominado como “Ciências do eu” foi considerado pelo cientista como um “curso modelo de inteligência emocional”. Ao se referir sobre o curso comenta:

No círculo tradicional que abre cada aula de Ciências do Eu, o número não é sempre tão grande quanto foi hoje. Quando é pequeno (...) dois ou três indicam sentir-se péssimos- isso abre o caminho para alguém perguntar: ‘quer falar do que está sentindo hoje?’ E, se o aluno quer (ninguém é pressionado para falar sobre o que não quer), isso permite ventilar o que é tão perturbador – e a oportunidade de examinar opções criativas para lidar com a situação.

Com essa perspectiva o professor desencadeia processos que motivam os alunos para discutirem suas emoções e a dos outros. Assim, ressalta-se a importância do preparo do professor para atuar na dimensão emocional.

Outro exemplo oportuno proposto por Goleman (1995, p. 274-282) é relatado em seu livro *Inteligência emocional*.

Um grupo de alunos da 5.^a série foi convidado para participar de um jogo denominado “Quadrados da Cooperação” (GOLEMAN, 1995, p. 279). As regras do jogo foram esclarecidas, entre outras, a de se manter em silêncio e não realizar nenhum gesto. A sala foi dividida em três grupos, foram escolhidos três observadores dentre aqueles que já conheciam o jogo. Os alunos indicados tinham a função de observar as atitudes dos componentes do grupo, por exemplo: quem estava liderando o grupo, quem adotava atitudes diferenciadas, quem não participava, quem ficava calado, quem atrapalhava o andamento do grupo, entre outros aspectos.

A turma dividida em grupos recebeu as peças e iniciou o jogo. No decorrer do jogo, uma equipe destacou-se pela cooperação entre seus componentes, terminando com vantagem o quebra-cabeça proposto. Num segundo grupo os alunos não conseguiram trabalhar em equipe. Cada aluno tentou realizar seu próprio quebra-cabeça. Assim, não conseguiram montá-lo. No entanto, ao perceber as dificuldades, acabaram se aliando para resolver coletivamente a montagem proposta.

No terceiro grupo os alunos não se organizaram para montar o quebra-cabeça. Por isso só conseguiram montar uma parte do jogo. Assim, ao realizarem a montagem atingiram uma forma de trapézio quando deveriam montar um quadrado. Nesse grupo, um dos alunos começou a brincar com as peças. Essa atitude desviou a atenção do grupo. As gracinhas desse aluno permitiram o alívio de tensão do grupo, mas criou dificuldade para o grupo terminar o quebra-cabeça.

A professora interferiu no processo e pediu aos alunos que haviam concluído o jogo que auxiliassem aos companheiros que estavam com dificuldade. Em seguida, a professora solicitou que os alunos refletissem sobre o que havia ocorrido em cada grupo. Nessa reflexão, incluiu comentários sobre o desenvolvimento do trabalho de cooperação.

Ao realizar a discussão sobre o andamento da turma, os alunos do terceiro grupo começaram a se desentender sobre as regras do jogo e o modo como se colocaram em equipe. Um dos alunos desse grupo foi criticado e apresentou reações fortes às observações dos colegas, essa atitude brusca tornou visível sua emoção. Nesse impasse a professora conversou com os membros do grupo observador, no sentido de explicitar a atuação do colega. A docente esclareceu para a turma que a aspereza do modo de falar do observador reforçou a atitude agressiva do aluno atingido. A professora solicitou ao grupo de observadores que ao fazerem os comentários fossem mais amáveis, que escolhessem outras palavras e utilizassem um tom de voz mais baixo.

A partir desse comentário, o aluno observador retomou a palavra, dirigiu-se ao colega e se expressou de uma forma mais amena. A professora percebeu que o comentário do observador era o que havia provocado o sentimento de ameaça forte no aluno. Assim, alertou os alunos comentando, que o modo verbal como o comentário foi expresso havia sido a razão pela qual o aluno observado se sentiu ameaçado.

Na realidade, um dos observadores usou a palavra *perturbador* em seu comentário. O uso dessa palavra motivou o sentimento forte no aluno observado. Para superar o impasse a professora intermediou o diálogo entre os alunos e eles tiveram oportunidade de esclarecer o motivo da discórdia. Essa atitude da professora permitiu a superação do conflito.

Os conflitos foram trabalhados levando em consideração os sentimentos dos envolvidos e assim houve o esclarecimento do fato. Os alunos puderam entender a vivência e perceberam a necessidade de controlar seus sentimentos, respeitando o outro diante dessa situação perturbadora (GOLEMAN, p. 279-282).

Na experiência comentada, percebe-se que a cooperação e a solidariedade foram trabalhadas, bem como a busca da superação do conflito. Vários aspectos da educação emocional foram vivenciados e refletidos, essa vi-

vência pode ajudar os alunos no sentido de enfrentarem no futuro novas dificuldades.

Outro exemplo pode fornecer subsídios para a proposta de desenvolvimento de saberes na Educação emocional. Assim, optou-se pela apresentação do resumo sobre a dinâmica de identificação de sentimentos, explorada na aula de “ciências do eu” relatada por Goleman (1995, p. 286-287):

Um grupo de jovens da 5.^a série recebeu uma aula de identificação de sentimentos, ou seja, os alunos foram convidados a nomear seus sentimentos. Para realizar a atividade foi requisitado aos alunos que trouxessem para a sala de aula a fotografia de uma pessoa. A partir das fotos foram provocados a nomear as emoções que o rosto expressava. A professora acompanhou as indicações e relacionou no quadro de giz os diferentes nomes de sentimentos elencados pela turma. Ao dialogar com os alunos, a professora perguntou quando os alunos haviam vivenciado os sentimentos apontados pela turma. A indicação pelos alunos do sentimento de “frustração” permitiu que a docente discutisse sobre outros sentimentos. Os alunos relataram que a frustração algumas vezes encobria sentimentos de: desânimo, confusão e ansiedade. A conversa envolveu outros tipos de sentimentos indicados pelos alunos e o modo como se desdobram em outros sentimentos. Em seguida, os alunos, junto com a professora, começaram a descrever a maneira como as expressões das pessoas refletem os sentimentos. Os alunos foram provocados a imitar as expressões faciais que caracterizam os sentimentos e se surpreenderam com as descobertas. No final da vivência, os alunos perceberam a importância dos sentimentos em sua vida.

Das experiências brasileiras, destaca-se a mencionada por Antunes (2001, p. 47-48), em seu livro *Alfabetização Emocional*, (2001) realizada numa escolar particular de São Paulo. A experiência recebeu o nome de Projeto de Alfabetização Educacional e envolveu alunos do 2.^º ciclo do Ensino Fundamental até a 1.^a série do Ensino Médio. Esse programa abordou seis saberes: “o auto-conhecimento, (...) a administração de emoções, (...) como dispersar a ansiedade (...), ética social e empatia (...), a arte do relacionamento (...), a automotivação, aprimorando a comunicação (...).”

Dentre os saberes destaca-se a *administração das emoções*, para a qual Antunes (2001, p. 59) descreve o uso do “Painel de Fotos”. Por meio do painel, algumas propostas são sugeridas, como por exemplo: a identificação das emoções pela expressão dos rostos nas fotos e a possibilidade de realizar uma dramatização a partir da coleção organizada. A atuação proporcionou situações nas quais os alunos puderam vivenciar suas emoções e interpretar as emoções do grupo. Assim, puderam associar os sentimentos com as fotos apresentadas. (p. 61 e 62).

As experiências relatadas mostram a possibilidade de realizar atividades contemplando os saberes que envolvem a educação emocional nas escolas. A opção de trabalhar com a educação emocional instiga os professores à busca da aceitação e reconhecimento de seus próprios sentimentos e de seus alunos. O aspecto emocional abordado em sua complexidade pode provocar situações vivenciadas a partir do cotidiano escolar. Assim, os docentes podem construir saberes que desenvolvam a sensibilidade, a fraternidade, a amizade e a empatia.

Considerações finais

A proposição de vivências que gerem processos de desenvolvimento de saberes para educação emocional passou a ser uma necessidade premente em todos os níveis de ensino. No entanto, os professores e as professoras precisam ser preparados para esse enfrentamento. Alerta-se que a formação na escola tradicional não oportunizou essa aprendizagem. A escola e a sociedade têm educado as pessoas no sentido de reprimir, ocultar, omitir e mentir sobre os seus sentimentos, levando a frustração da forma natural de “ser” da pessoa. Esse procedimento tem causado muitas doenças psíquicas. Cabe aqui mencionar o que comenta Filliozat (1998, p. 15), em seu livro *Inteligência do Coração*:

Qual é o sentido da vida? Evitamos a questão no escapismo dos supermercados, do trabalho, ou do carro novo. ‘Uma vida de louco!’ dizemos antes de nos colocarmos à mercê da transfusão televisiva. A angústia faz o comércio andar. Os laboratórios farmacêuticos são os grandes ganhadores desta corrida da exploração da depressão emocional e relacional. O relatório encomendado pelo ministro da Saúde ao professor Edouard Zarafian sobre consumo de psicotrópicos na França é alarmante. Cento e vinte milhões de caixas de tranquilizantes, soníferos e antidepressivos são vendidos por ano! É o segundo em reembolso do seguro-doença, depois dos antibióticos. *Urge se aprender a encarar face a face nossas emoções!*

Nesse contexto, percebe-se a necessidade da implantação nas escolas de projetos que envolvam saberes que contemplam a Educação Emocional. Com urgência os educadores e educadoras brasileiros precisam gerar procedimentos metodológicos que levem à alfabetização emocional.

O saber ser e o saber conviver podem gestar um novo tempo, uma nova visão do conhecimento e da ciência, provocado pela busca do paradigma da complexidade que leva a propor uma aprendizagem para a vida. Assim, a educação emocional pode ser uma possibilidade para começar a reconstruir uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária.

Referências

- ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional:** novas estratégias. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____. **A inteligência emocional na construção do novo eu.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica.** 2. ed. Curitiba: Champagnat, 2000.
- DELORS, Jacques et al. **Educação:** um tesouro a descobrir. 6. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2001.
- FILLIOZAT, Isabelle. **A inteligência do coração:** a nova linguagem das emoções. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1998.
- GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional.** 20. ed. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 1995.
- LE DOUX, Joseph. **O Cérebro emocional:** os misteriosos alicerces da vida emocional. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.
- MORIN, Edgar. **O s sete saberes necessários à educação do futuro.** 8. ed. São Paulo, SP: Cortez, 2003.
- STEINER, Claude; PERRY Paul. **Educação emocional:** um programa personalizado para desenvolver sua inteligência emocional. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.
- STREMME, Fritz. **O poder das emoções:** a descoberta da inteligência emocional. São Paulo, SP: Cultrix, 1999.

Recebido em: 12/03/2005
Aprovado em: 20/06/2005